

MÓIN-MÓIN

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS: EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO NO CIBERESPAÇO E PROCESSOS CRIATIVOS EM ISOLAMENTO SOCIAL
Florianópolis, v. 1, n. 24, p. 226 - 239, ago. 2021
E - ISSN: 2595.0347

202 dias em um mundo de miniatura: Maria Cláudia e suas múltiplas facetas na pandemia

Maria Madeira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (Rio de Janeiro, Brasil)



Figura 1 –23º dia da quarentena de Maria Cláudia. Foto: Maria Madeira (2020).

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2595034701242021226>**202 dias em um mundo de miniatura: Maria Cláudia e suas múltiplas facetas na pandemia¹**Maria Madeira²

Resumo: Entre os dias 16 de março e 2 de outubro de 2020, 202 cenas diferentes da boneca Maria Cláudia foram postadas em duas redes sociais diariamente, transformando a miniatura no melhor do mundo real. O lúdico tomou o espaço que não se pode tocar e/ou mensurar. O artigo aborda o teatro de animação realizado nas mídias digitais, bem como suas repercussões em tempos de pandemia de Covid-19, marcados por mudanças na vida cotidiana, isolamento social, frustrações, perdas afetivas, luto. Conclui que, ao mirar o universo da ludicidade, o espaço virtual tornou-se um lugar de desenvolvimento cognitivo, mas também de resistência e luta por sanidade, beleza, vida e cultura.

Palavras-chave: Teatro de animação; Pandemia; Afetos.

202 days in a miniature world: Maria Cláudia and her multiple facets in the pandemic

Abstract: Between March 16th and October 2nd, 2020, 202 different scenes of the Maria Cláudia doll were posted on two social networks daily, making the miniature the best in the real world. Ludic took the space that cannot be touched and/or measured. The article approaches the animation theater performed in digital media, as well its repercussions in times of the Covid-19 pandemic, marked by changes in everyday life, social isolation, frustrations, emotional losses, grief. It concludes that, by aiming at the universe of playfulness, the virtual space has become a place of cognitive development, but also of resistance and struggle for sanity, beauty, life and culture.

Keywords: Animation theater; Pandemic; Affections.

¹ Data de submissão do artigo: 21/06/2021 | Data de aprovação do artigo: 27/07/2021.

² Doutoranda no Programa de Pós-graduação de Artes da UERJ, mestre em Arte da Cena pela UFRJ. É Professora de Artes, Titeriteira, Atriz, Arte Educadora e Artista Visual. Graduada em História e Artes Visuais (UERJ). Mestre em Antropologia e Comunicação Audiovisual (Universidade de Barcelona). E-mail: mariamadeira@yahoo.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3655-1341>

Há muito tempo ensaio escrever um artigo para esta simpática e importante revista acadêmica que tão bem representa o campo expandido em que o teatro de formas animadas está inserido nas artes da cena. Por tantas vezes rascunhei escritos que resolvi não enviar por não terminar, por achar que a escrita não havia ficado suficientemente satisfatória ou talvez por querer escrever de outra maneira, mais poética, menos distanciada do objeto de referência. Queria ter a liberdade de poder colocar mais emoção e o tema deste número 24 me proporciona a oportunidade de falar de afeto diretamente. Escrever sobre Maria Cláudia é também falar de atravessamentos que tomam a via do sensível e que nos conduzem a um campo vasto de emoções.

O começo e o envolvimento

Maria Cláudia chegou em 8 de março de 2020, um domingo, como presente de aniversário do meu companheiro e também bonequeiro Sandro Roberto. Um dia antes, ele havia comprado a boneca na esquina de casa, pelas mãos de Dona Teresinha, singular bonequeira carioca que vende seus títeres na feira do Lavradio, mas que andava pelas ruas do bairro do Catete, para a sorte dele e minha enorme felicidade! A boneca de 27 centímetros me encantou. Comecei a fotografá-la no mesmo dia e a batizei de Maria Cláudia.

Até aquele domingo, a pandemia era impensável para mim. Sei que pode parecer absurdo dizer, mas é a verdade, não tenho televisão em casa e, trabalhando 60 horas por semana, o assunto Covid-19 me parecia algo distante; não falava dele nem buscava saber. Até iniciar a semana do dia 9 ao dia 13 março de 2020, a última de normalidade em minha vida até hoje, não havia dado ouvidos ao vírus. No dia 13, no trabalho, já havia um clima tenso e quando cheguei em casa já havia e-mails das escolas comunicando a suspensão das aulas. Então o que era distante num domingo, passou a ser a realidade no sábado seguinte. Foi tudo tão forte e doloroso que nem vou contar aqui, mas contarei o quanto a boneca Maria Cláudia fez a fantasia florir naqueles dias.

Na incredulidade de não poder sair, de não poder estar com amigos e familiares de um instante para o outro, eu passava por uma gangorra de

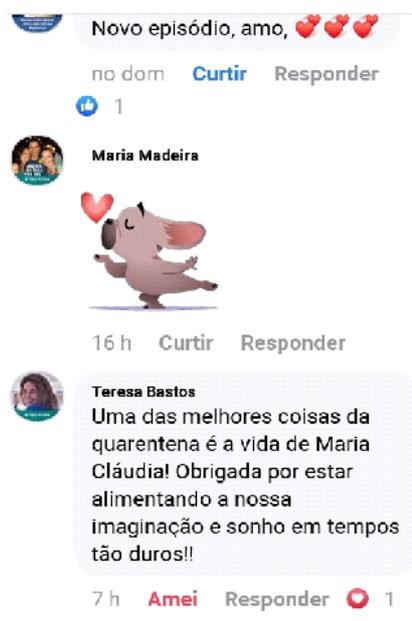
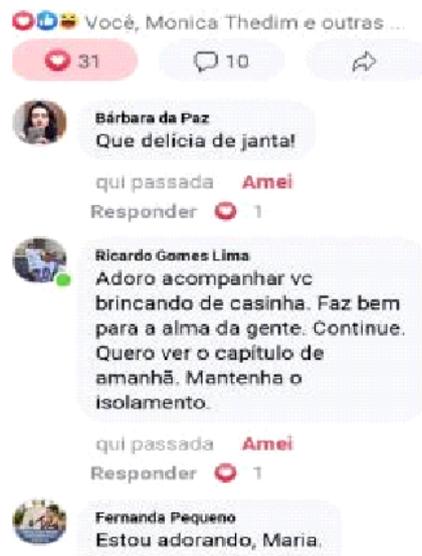
emoções: medo junto com ansiedade e nervosismo. A princípio, o dia parecia ter 48 horas, dava tempo para ler, limpar a casa, mandar mil mensagens e o dia não findava, parecia que estava no filme de Buñel³. Tempo suspenso e presa num mesmo espaço.

Naquele ócio forçado, fotografar Maria Cláudia tornou-se mais um dos meus afazeres. Com uma câmera digital amadora, tirava fotos da boneca e postava em uma rede social. As primeiras sem muita produção; fotografava por fotografar. Mas aos poucos percebi, pelos comentários, que agradava a algumas pessoas. Achei divertido e fui produzindo mais as cenas e criando objetos para compor os cenários. Houve dias inteiros em que me dedicava exclusivamente à cena da boneca. Cada dia um tema diferente, uma história diferente.

Aquilo foi ganhando fôlego e fiquei ainda mais motivada quando uma amiga de infância, de outra área de atuação profissional, me telefonou dizendo que todos os dias ‘espiava’ minha rede para saber da boneca, o que ela faria então, e sugeriu que eu a levasse a outra rede social a fim de que mais e novas pessoas “descobrissem” Maria Cláudia. A princípio, não achei boa ideia, pois era trabalhoso; pensei que em uma só rede social já cumpria uma proposta interessante. Mas fui convencida pelo enamoramento da minha amiga pela boneca. Talvez valesse a pena fazer uma página em outra rede social e me divertir.

A cada dia, gostava mais da boneca, do jogo e da brincadeira de transformá-la em personagem. E foram muitas respostas às postagens colocadas no Facebook e no Instagram, de pessoas que desconhecia: professores (de literatura, de artes, de fotografia, educação física, direito, design etc.), servidores públicos, mães. Havia comentários elogiosos, incentivadores da continuidade do cotidiano de Maria Cláudia, e agradecidos, como se observa nas Figuras abaixo.

³ Me refiro ao filme “O Anjo Exterminado” (1962) de Luis Buñel.



Figuras 2, 3, 4 e 5 – Comentários de internautas. Fonte: Captura de tela do Instagram (@quarentenamariaclaudia) e Facebook (@bonecosdemadeira.titeres).

Diálogos artísticos

É possível encontrar pontos de aproximação entre a experiência de dar vida a Maria Cláudia no espaço virtual e o trabalho desenvolvido pela norte-

americana Cindy Sherman, na sua busca pela teatralização da fotografia⁴. Ao criar cenas sobre sujeitos contemporâneos, que podem ser pensadas como autorretratos, ela interpreta diferentes personagens femininas de distintas classes sociais e modos de vida em suas performances.

Atualmente, Sherman é uma das personalidades mais destacadas na cena da autorrepresentação e dos autorretratos. Segundo Araújo (2012), a autorrepresentação configura-se como um exercício de questionamento e busca interna, na qual o indivíduo se coloca como objeto de introspecção, explorando sua própria subjetividade. Já a encenação de autorretratos, pode ser uma forma de mascaramento do “eu”, transcendendo a representação narcisista, e uma forma lúdica de se vestir de outro para questioná-lo.

Reflete ora sobre a própria identidade, ora por uma questão universal dos sujeitos contemporâneos, de forma que percebemos na produção contemporânea da autoimagem a busca de sentido pela fragmentação do sujeito pós-moderno. (ARAÚJO, 2012, p. 11).

Veja-se, a artista é a personagem de suas fabulações, mas as personagens não são a artista, o registro das selfies amplifica a personagem criada, não a performer em sua persona⁵. Sherman deixa claro que as personagens não são ela, são tudo, menos ela, e, caso se pareçam com ela, são rejeitadas. Ela não faz jogo mostrando suas várias faces, mas encena para as fotos-personagens, quase parodiando os modelos femininos vinculados pelas diferentes mídias: comerciais, telenovelas clipes, cinema, séries, Gifs.

Sherman pertenece a una generación que se interesa por los códigos de representación de los medios de comunicación y la cultura popular que forman el imaginario colectivo. Ella se dirige a los tópicos y clichés empleados en la representación de la feminidad mediante los cuales se constituye a la mujer en espectáculo y se activa el fetichismo y el voyeurismo. Su crítica hacia esos cánones culturales se basa en la cita y la imitación paródica, en la encarnación – deconstructiva – de los

⁴ Cindy Sherman é fotógrafa, artista plástica e diretora de cinema, mais conhecida por suas fotos conceituais. Sherman é uma das artistas mais relevantes das artes contemporâneas.

⁵ Algo semelhante, uma boneca ser outra personagem que não ela mesma, foi objeto de minha dissertação de mestrado, quando me “apropriei” da boneca de outro artista para fazer intervenções através de figurinos que transformavam sua personalidade primeira. Me refiro ao capítulo “O Armário de Mona Lisa” (p. 110) da dissertação intitulada “O Teatro de Animação na Cena Expandida: o boneco e suas relações e variantes na cena teatral e na arte contemporânea”, disponível em: https://www.ppgac-ecoufrj.com.br/uploads/f/s/disserta-maria-madeira_tlr9.pdf

esteriotipos. Su trabajo demuestra cómo la mujer se construye como imagen, como la feminidad es un mascarada [...]. (CALDAS apud ARAÚJO, 2012, p. 12).⁶

Maria Cláudia foi teatro realizado nas redes sociais, que estabeleceu relações com a linguagem fotográfica, da autorrepresentação e do autorretrato. Mas também estabeleceu relações com a fotonovela, ainda presente no imaginário do brasileiro⁷, muito embora ainda seja frequentemente ignorada por críticos e estudiosos que a consideram um subgênero literário, um produto de massa, claramente desqualificado. “Seus leitores foram marcados, entre outros aspectos, como de baixa formação cultural e possuidores de poucos rendimentos”. (JOANILHO e JOANILHO, 2008, p. 529).

A fotonovela é narrativa construída a partir do uso de fotografias e texto verbal para contar uma história. Trata-se de uma forma artística particular de contar história quadro a quadro, sobre diferentes assuntos, com linguagem narrativa, que torna seu conteúdo didático.

Originalmente, surge no formato impresso na década de 1940, na Itália, motivada pela crescente popularização do cinema, pela fama de atores e atrizes e pelo aperfeiçoamento da fotografia. (SILVA, 2011). No Brasil, surge impressa na década de 1950, sendo, posteriormente, levada para a televisão na forma de novela, com capítulos sequenciais, com grande sucesso. (HABERT, 1974).

De acordo com Silva (2011), a fotonovela se relaciona à narrativa gráfica, descrição genérica de qualquer narração que usa imagens para transmitir ideias. Estabelece ainda relações com a chamada ‘arte sequencial’, uma série de imagens dispostas em sequência, assemelhando-se às histórias em quadrinhos, e, por consequência, também com o cinema. (SILVA, 2011).

⁶ Sherman pertence a uma geração que se interessa pelos códigos de representação dos meios de comunicação e a cultura popular que formam o imaginário coletivo. Ela aborda os tópicos e clichês empregados na representação da feminilidade mediante os quais se a mulher se constitui em espetáculo e se ativam o fetichismo e o voyeurismo. Sua crítica a esses cânones culturais se baseia na citação e na imitação paródica, na encarnação – desconstrutiva – dos estereótipos. Seu trabalho mostra como a mulher se constrói como imagem, como a feminilidade é uma máscara. (Tradução do editor)

⁷ A fotonovela teve mercado cativo por mais de 25 anos no Brasil, sendo consumida por milhões de leitores em todo país. (JOANILHO e JOANILHO, 2008).

A mistura de linguagens verbais e não verbais (textual, teatral, gráfica e cinematográfica) entrelaçadas umas às outras, está presente nas artes, nas mídias e na vida cotidiana na atualidade, possuindo grande potencial de mobilização das pessoas. Talvez porque oriente a reflexão sobre práticas relacionadas aos modos de ver as representações culturais, bem como aos modos subjetivos e intrassubjetivos de enxergar o mundo e a si mesmo. Talvez, ainda, porque, conforme Habert (1974), a fotonovela integre seus leitores, com narrativa objetiva, direta e convidativa.

A fotonovela nos meios eletrônicos (como blogs e sites) realizada com câmeras fotográficas ou telefone celular com câmera, e expandida para a *World Wide Web*, potencializou tais percepções. Foi exatamente o que ocorreu com a boneca Maria Cláudia.

Ali, propôs-se nitidamente um jogo entre a boneca e o participante ativo virtual. Mesmo que as cenas postadas não ocorressem no “ao vivo virtual”, o chat sempre aberto chamava o espectador a interagir com participação espontânea e até mesmo emocional, transformando o conjunto postado em uma micro-representação teatral que remete às fotonovelas.

A experiência se tornava fascinante e envolvente, revelando camadas da dramaturgia antes impensadas. Como diretora de alguns espetáculos do campo do teatro de animação, tinha como referências o Manipulador-Boneco, o Boneco-Público, o Manipulador-boneco-público. Com Maria Cláudia, tinha que pensar em outras camadas: síntese da cena; ambiente que fizesse parte da escrita da cena, e não decorativo; relação da boneca com a câmera fotográfica; leitura da foto no contexto da dramaturgia pretendida; a postagem; o título da postagem; e as respostas aos participantes. Estar nas mídias digitais criando cenas com uma boneca ampliou as miradas sobre o que pode ocorrer entre o real e o lúdico envolvendo adultos e crianças.

É certo chamar de teatro essas experimentações digitais na pandemia? Entendo que depende muito de como a proposta foi pensada e executada, um espetáculo realizado em teatro e filmado, vejo como um teatro filmado; não é um teatro acontecendo normalmente. Muita coisa mudou e agora tem-se a “cortina

tela” entre a ação dramática e o espectador. Negar a tela faz a cena ser fria e distanciada do público, não o convidando para participar nem mesmo como espectador.

Durante a pandemia, muitas montagens teatrais produzidas com grande requinte, se tornaram enfadonhas aos olhos daqueles que já possuem o “ritmo digital” no cotidiano; talvez, o assumir a tela entre a cena e o público possa facilitar essa comunicação. Sobre este atuar em mídias digitais ainda há muito a conhecer, aprender, processar. Nada está dado nem fechado. Apesar disso, acredito que houve teatro nas cenas de Maria Cláudia.



Figura 6 – 38º dia da quarentena de Maria Cláudia.
Foto: Maria Madeira (2020).

Voltando ao correr dos dias suspensos, vale registrar um parêntese para falar de afeto. Quando a pandemia completou um mês, perdi para a Covid-19 uma das minhas amigas mais queridas, o que me abateu profundamente. Porém, neste dia, não deixei de fazer a cena com a boneca Maria Cláudia; intuía que se parasse, não voltaria mais a fazer e cairia num abismo do qual seria complicado sair. A partir deste momento, a boneca se tornou fundamental na minha vida. Às vezes a única coisa que de verdade conseguia fazer por todo o dia era sua cena.

No final do mês de abril, já contabilizava três pessoas que havia perdido para o vírus; me sentia salva por uma boneca para não afundar num mar de tristeza, incertezas e temores. As aulas no doutorado voltaram virtualmente, assim como as aulas nas escolas em que trabalhava. O dia era absurdamente curto e o trabalho parecia não ter mais nem o domingo para descanso.

A tela do computador me deixava exausta (ainda deixa), o trabalho bombardeava por todas as mídias possíveis: celular, e-mails, rede social, uma loucura! Sensação de que nunca trabalhei tanto em minha vida, e pior, sem o respiro dos encontros com os amigos e familiares, sem o teatro, o cinema e as exposições de artes. Mas tinha Maria Cláudia e isso me impunha refazer todo esse mundo “perdido”. Em um pequeno espaço em casa, ia com a boneca aos museus, cinemas, teatros, lembrava filmes e exposições, revivia momentos felizes registrados no meu inconsciente. Sim, houve muito de terapêutico em nossa relação; o diálogo lúdico travado com a boneca e externalizado nas cenas dramáticas virtuais diárias me tiravam da caverna do medo.

Maria Cláudia se estabeleceu para mim como uma resistência de sanidade e beleza nesta pandemia. Com ela, em suas cenas diárias, de alguma maneira sentia que podia estar mais próxima das pessoas e dar uma alegria, um afago. Há momentos em que precisamos de carinho e cuidado, em que o afeto é primordial para que possamos ter um amanhã. O momento que estamos vivendo é um deles e o outro, que não conhecemos, também precisa ser abraçado porque sua dor é do tamanho da nossa. Maria Cláudia, em sua

potência, conseguia a proeza destes abraços laços. Como afirma Cortázar (apud ZOLADZ, 1988, p. 86), a criatividade desvenda ações e acontecimentos dando-se em tempos contíguos: “há tempos diferentes, embora paralelos”.

Catalogando os temas tratados nas encenações com Maria Cláudia, surgiram quase 30 categorias diferentes: brincadeiras infantis; cinema; ateliês de arte; profissões; esportes; praia; barcos; religiões; teatro; “botando boneco”; exposições de artes; estudos; comidas; passeios (ambiente fora da casa dela); circo; danças; visitas ilustres; meditação; esoterismo; aniversários; trabalho office; música; festas populares; ópera; faxina; terapia; despedida; contação de histórias; salão de beleza; banhos; e pilates, entre outros.

Tendo o tema base, construía todo o ambiente em miniatura, além do figurino da personagem, cada dia um novo, não havendo tempo para armazenar material ou para fazer mais de uma cena por dia. Para me orientar nas criações, fazia uma lista de ideias, registrava as ideias aleatoriamente e sem muito determinar o que haveria na cena, por exemplo: dança do ventre, filme Cabaret, Berna Reale, performance Palomo... com essas informações, buscava preparar o que era preciso para a cena e quando tudo ficava pronto, fotografava!

Com uma das mãos animava a boneca e com outra acionava a câmera fotográfica, sem tripé ou ajuda de terceiros. Fazia em torno de 50 fotos para cada cena e selecionava 10 para postar no aplicativo. Pretendia que a sequência de fotos contasse uma pequena história que fosse uma escrita de imagens. Havia, portanto, uma ordem a seguir: início, meio e fim. Se qualquer descuido ocorresse e uma foto ficasse fora do contexto da história, a postagem era anulada e tudo feito novamente. Cuidado e esmero eram afetos que devolvia a Maria Cláudia por me tirar da espiral sem ar em que quase me deixei levar.



Figura 7 – 80º dia da quarentena de Maria Cláudia.
Foto: Maria Madeira (2020).

O espaço das cenas de Maria Cláudia variava pouco, normalmente era realizado sobre uma placa metálica branca de 80x40cm. As miniaturas de sofás, mesas, camas cadeiras e alguns objetos faziam parte do meu acervo pessoal e outras, como máquina de lavar, secadora de roupa, barco a vela, computador, piscina, trampolim, balanço etc., criava para a cena reaproveitando materiais.

A quarentena da Maria Cláudia foi convidada para algumas participações em eventos online em 2020. Fez parte da exposição coletiva da Arroba Galeria (Rio de Janeiro), com a cena Mergulho; do projeto “Infâncias Plurais” do Itaú Cultural com o vídeo animação “Maria Cláudia no Museu Mundo”; do Seminário da Federação de Arte/Educadores do Brasil Arte/Educação: Utopias, Distopias e Heterotopias/ II encontro regional da Federação de Arte/Educadores do Brasil, Região II/FAEB sudeste: “Paisagens Culturais e Políticas de Formação”, que

realizou a exposição virtual, individual “Maria Cláudia no Museu de Arte Moderna”. Sobre esta participação, a curadora Isabela Frade escreveu:

Maria Cláudia nasceu na pandemia, no dia do aniversário de Maria Madeira. Logo foi comer bolo e participar da festa. Chegou com energia de estrela, ganhando espaço nas redes sociais e gerando uma comunidade de afetos. Ela é diva, é doce, é sonhadora, fala com animais, inventa estados suaves de espírito, brinca na casa que é o seu mundo. Salvou-nos do tédio, curou-nos do desencanto. Hoje, a boneca vai ao Museu de Arte Moderna mergulhar na obra de seus artistas preferidos, deixando-nos saborear seus elementos. A cada sala, podemos vivenciar suas interações, compondo relações com as mesmas pelo olhar de Maria Cláudia. (FRADE, 2020, p. 1).

Tantas coisas ainda teria a dizer sobre o tempo do “entre” que ocorreu comigo e a boneca Maria Cláudia durante os piores dias de incertezas da pandemia da Covid-19; um tempo outro durante o “outro tempo” imposto pelo vírus. Muito material guardado para futuros projetos e pesquisas. Os depoimentos de “fãs” da boneca foram “printados” e arquivados em nuvens para, quem sabe, num futuro próximo se transformarem em exposição, livro ou novo artigo. Suas cenas são atemporais, não têm classificação etária, pessoas de qualquer idade podem apreciar. A partir da dramaturgia apresentada pela boneca, foi possível passear pelas artes, conhecer festas populares e religiões de matriz africana, entre tantas outras coisas. Maria Cláudia era múltipla sendo apenas uma boneca e despertava o lúdico e a fantasia quando poucas coisas havia para sonhar.

Neste futuro/presente de aplicativos (*sites*, *lives* etc.) Maria Cláudia fez uso de quase todos. Mas não foi feita para eles; sua existência não é virtual, embora sua interação com o público tenha se dado no espaço virtual. Ela é feita de massa de papel, é matéria, tanto como eu; seu pulsar é através das minhas mãos, mas a vida que parece ser dada por mim a ela pode ser revelada em um espelho como o avesso do fato dito como lógico para os céticos, porém, nós do teatro sabemos que neste jogo o que se passou foi dual, a mão só pulsava porque animava a pequena boneca.

Referências

ARAÚJO, Camila Leite. As fotografias de Cindy Sherman: Reflexão e criação sobre os sujeitos contemporâneos. **Revista Ícone**, v. 14, n. 2, p. 10-16, dez. 2012.

FRADE, Isabela. **Maria Cláudia no Museu de Arte Moderna**. 2020. Disponível em: <https://prezi.com/p/jxa68txfnxsr/maria-claudia-no-museu-de-arte-moderna/>.

HABERT, Angeluccia Bernardes. **Fotonovela e Indústria Cultural**: estudo de uma forma de literatura sentimental fabricada para milhões. Petrópolis: Vozes, 1974.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela Peccioli Galli. Sombras Literárias: a fotonovela e a produção cultural. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, n. 56, p. 529-548, 2008.

SILVA, Tiago Medeiros da. **A Fotonovela como Recurso Pedagógico e Interdisciplinar**. 55 f. Monografia. (Graduação em Educação Artística e Artes Cênicas) – Faculdade de Artes Cênicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

ZOLADZ, Rosza Vel. **Veios do Lúdico**: por uma etnografia da mulher idosa. Rio de Janeiro: USU, 1986. VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis**: Memória Urbana. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2010.